



PRÓLOGO

Na minha vida senti arrependimento, constrangimento, talvez até um toque de agonia. Mas nada, absolutamente *nada* me preparou para a ignomínia de me encontrar num cubículo de casa de banho, encostada ao irmão mais velho e arrogante do tipo com quem tenho andado a fingir namorar nos últimos seis meses.

É um bater no fundo digno de prémio. Especialmente quando associado ao facto de saber que o *Jack Smith* está a salvar-me a pele. Quando me levanta pela cintura para me manobrar no espaço apertado, com uma força que desafia a gravidade, não sei o que é pior: o facto de as suas mãos serem tudo o que me impede de me amarrotar como um elástico de cabelo, ou a quantidade mortificante de gratidão que sinto por ele.

— Acalma-te, Elsie — diz-me, junto à pele da minha bochecha, sucinto como de costume, mas também com uma incongruência tranquilizante. Ele está perto, demasiado perto. Eu estou perto, demasiado perto. Não perto o *suficiente*? O doce esquecimento da morte. — E para de te mexer.

— Eu *não* me estou a mexer, Jack — digo, a mexer-me.

Mas, um segundo depois, simplesmente desisto. Fecho os olhos. Relaxo no peito dele. Sinto-lhe o cheiro nas narinas, a ancorar-me à sanidade. E pergunto-me qual, de entre milhões de escolhas estúpidas que fiz na vida, me levou a este momento.



1

ONDAS E PARTÍCULAS

VINTE E QUATRO HORAS ANTES

Durante todo o ensino básico, o meu disfarce de Halloween foi a dualidade da luz.

Fi-lo com um marcador, desenhando uma data de círculos e linhas em ziguezague numa das camisolas interiores brancas do meu pai que tinha recuperado do caixote do lixo. Em retrospectiva, o custo de produção era tão baixo, que nem mesmo o professor de física conseguia adivinhar o que era. Porém, não me importava. Andava pelos corredores a ouvir a voz do Bill Nye na minha cabeça, a sua bela explicação da forma como a luz podia ser duas coisas diferentes ao mesmo tempo, dependendo do que cada um queria ver: uma partícula *e* uma onda.

Parecia uma ideia vencedora. E fez-me pensar se também eu poderia conter duas — não, toda uma multidão de Elsies. Cada uma delas seria trabalhada, personalizada, cuidadosamente curada com uma pessoa diferente em mente. Daria a cada um o «eu» que quisessem, precisassem, desejassem, e em troca eles preocupar-se-iam comigo.

Facílimo.

É engraçado como as minhas carreiras na física e a satisfazer pessoas começaram mais ou menos na mesma altura. Como consigo traçar uma linha reta desde o primeiro conceito de mecânica quântica até ao meu trabalho atual. Aliás, *ambos* os meus trabalhos atuais. O diurno, no qual ganho quase nada a chocar teorias da física que explicam porque

pequenas moléculas se agrupam como grupinhos de raparigas mesquinhas durante a hora de almoço. E o outro, no qual...

Bem. O outro, em que finjo ser outra pessoa, pelo menos paga bem.

— O tio Paul vai tentar amarrar-nos de novo a uma *ménage à trois* — diz-me o Greg, com os olhos castanhos emotivos cheios de desculpas, e eu não hesito. Não pareço aborrecida. Não estremeço de repulsa ao pensar no hálito de esgoto do tio Paul ou no seu penteado oleoso, que faz lembrar pelos púbicos.

Está bem, talvez estremeça um pouquinho. Mas disfarço-o com um sorriso e um «Certo» profissional.

— Além disso — continua ele ao passar a mão pelos seus caracóis desalinhados —, o meu pai desenvolveu recentemente uma grave intolerância à lactose, mas recusa-se a diminuir os lacticínios. Podem ocorrer...

— Eventos gastrointestinais.

É compreensível. Também iria resistir a deixar de comer queijo.

— E a minha prima Izzy... é conhecida por se tornar fisicamente agressiva quando as pessoas discordam dela sobre o valor literário da Saga *Crepúsculo*.

Animo-me.

— Ela é a favor ou contra?

— Contra — responde ele de forma sombria.

Eu amo o *Crepúsculo* ainda mais do que queijo, mas posso evitar a minha *TED Talk* sobre porque é que a Alice e a Bella deviam ter deixado aqueles idiotas todos para trás e cavalgado em direção ao pôr do sol.

Equipa Bellice para sempre.

— Entendido.

— Desculpa, Elsie. É o nonagésimo aniversário da minha avó. Vai lá estar a família toda. — Ele suspira, a respiração branca e fumegante no ar noturno de janeiro gelado de Boston. — A minha mãe vai estar no seu pior.

— Não te preocupes.

Toco à campanha da casa da avó do Greg e ofereço o meu sorriso mais encorajador. Ele contratou-me para ser uma namorada falsa, e vai ter a Elsie que quer que eu seja: tranquilizadora, sim, mas também

ligeiramente mandona. Uma *dominatrix* que não gosta de usar um chicote, mas conseguiria, se necessário.

— Lembras-te da nossa estratégia de saída?

— Beliscar-te o cotovelo duas vezes.

— Eu digo que estou a sentir-me mal e piramo-nos. E quando a oferta da *ménage* aparecer, insinua com convicção que tenho gonorreia.

— Isso não iria dissuadir o tio Paul.

— Verrugas genitais?

— Hum. Talvez? — Ele massaja a têmpora. — A única coisa boa é que o meu irmão está a chegar.

Fico tensa.

— O Jack?

— Sim.

Pergunta estúpida. O Greg só tem um irmão.

— Pensava que tinhas dito que ele não iria cá estar.

— O jantar de trabalho foi cancelado.

Suspiro para dentro.

— Que foi?

Merda, suspirei para fora.

— Nada.

Sorrio e aperto-lhe o braço através do casaco. O Greg Smith é o meu cliente favorito e vou fazê-lo passar por esta noite incólume.

— Deixa-me lidar com a tua família, está bem? Afinal de contas, é para isso que me pagas.

É mesmo. E estou-lhe grata todos os dias por nunca ter precisado de o lembrar. Muitos dos meus clientes perguntam mais ou menos abertamente que outros serviços eu poderia oferecer, embora os termos de serviço na aplicação *Faux* sejam bastante explícitos. Eles aclaram a garganta, afagam o queixo e perguntam: «O que é que está *exatamente* incluído neste... preço de namorada falsa?» Sinto-me muitas vezes tentada a revirar os olhos e dar-lhes uma joelhada nos tomates, mas tento não me ofender, sorrio amavelmente, e digo: «Sexo, *não*.»

Também — para responder às perguntas padrão que se seguem — não dou beijos, não me roço, não tenho conversas porcas, não me dispo, não faço anal, oral, manual, mamal, ou qualquer outro «-al» que

possa existir e não conheça. Não os deixo mijarem-me em cima ou acariciar-me os pés, nem facilito e/ou permito orgasmos nas minhas redondezas.

Não que houvesse algo errado nisso: o trabalho sexual é um trabalho legítimo, e as pessoas que a ele se dedicam são tão merecedoras de respeito como as bailarinas, os bombeiros, ou gestores de fundos de investimento. Mas há dez meses, quando me licenciiei com um doutoramento em física teórica, na Northeastern, imaginava que por esta altura já teria uma posição académica razoavelmente remunerada. *Não* imaginava que aos vinte e sete anos estaria a pagar a minha fatura da água a ajudar homens adultos a fingir que têm vidas amorosas. E, no entanto, aqui estou eu, a fingir relacionamentos para pagar os meus empréstimos académicos.

Não quero destruir a excitação de ninguém, mas começo a suspeitar de que a vida pode nem sempre correr como queremos. Uma inevitável perda de fé: não é preciso ser contratada muitas vezes para projetar a ideia de que um cliente é um ser humano encantador, bem ajustado e emocionalmente disponível, capaz de manter uma relação a médio prazo com um adulto igualmente equilibrado, para saber que... Bem, varia. Nunca perguntei ao Greg porque é que a Caroline Smith é tão obcecada com a ideia do filho de trinta anos arranjar uma cara-metade. Com base em trechos de conversas que ouvi por acaso dentro do Universo Cinematográfico Smith, suspeito de que tem que ver com o enorme património que entrará em jogo assim que a matriarca morra, e com a crença de que se ele fornecesse o primeiro bisneto, seria mais provável que herdasse... uma mangueira de água cravejada com diamantes, presumo eu?

Gente rica. São tal qual nós.

Mas a mãe intrometida do Greg é, ainda assim, muito melhor do que o irmão, que é sinónimo de más notícias por um monte de razões que nem vale a pena contemplar. Para ser franca, é um alívio que seja *ela* o meu alvo. Significa que quando a porta da frente da Mansão Smith se abre, posso concentrar-me apenas nela: a mulher reticente, com um coração de PVC, que nos beija sem nos tocar, a remexer no

cabelo do Greg e a enfiar-nos dois copos cheios de vinho nas mãos, tudo ao mesmo tempo.

— Como vai a vida nas finanças, Gregory? — pergunta a Caroline ao filho. Ele bebe metade do vinho num único gole; suspeito de que o faz porque já o ouvi explicar que não trabalha, de facto, em finanças. Pelo menos quatro vezes. — E você, Elsie? — acrescenta ela sem esperar por resposta. — Como vão as coisas na biblioteca?

Seguindo as orientações da *Faux*, não digo nada sobre mim aos meus clientes — o nome completo, o meu trabalho diurno, nem sequer dou a minha opinião sincera sobre coentros (excelente, se gostam de comer sabão). E isso, em poucas palavras, é o que significa ser uma namorada falsa. De início parecia-me algo duvidoso que as pessoas pagassem por um encontro falso na era do *Tinder* e do *Pornhub*, e que me pagariam *a mim* — a Elsie Hannaway que está na média em tudo. Altura média. Cabelo e olhos meio castanhos. Nariz, rabo, pés, pernas e seios médios. Bonita, sim, claro, mas de uma forma média e desinteressante. No entanto, a minha qualidade mediana é a ardósia em branco perfeita para preencher. Uma tela vazia para pintar. Um espelho que reflete apenas o que os outros querem projetar. Um rolo de tecido que pode ser feito à medida para... bem. Tenho a certeza de que estão todos a seguir a metáfora.

A Elsie que Caroline Smith quer é alguém capaz de se integrar com pessoas que usam o *verão* como verbo, não vistosa o suficiente para atrair um partido melhor do que o Greg, e com os instintos maternos para cuidar do filho que até pode amar, mas não se dá ao trabalho de conhecer. A bibliotecária de crianças parecia ser uma boa profissão falsa. Tem sido divertido vasculhar fóruns *online* em busca de histórias encantadoras.

— Hoje, encontrei três bolachas *Goldfish* no nosso melhor exemplar da *Matilda* — digo com um sorriso. *Quer dizer, pelo menos o utilizador iluvigbooks do Reddit encontrou.*

— Isso é hilariante — diz a Caroline sem rir, sorrir, ou outra forma de exhibir divertimento. Depois aproxima-se, sussurrando como se o filho, que está mesmo ao lado, não nos pudesse ouvir. — Nós estamos tão contentes por estares cá, Elsie. — *Nós*, creio, inclui o pai do Greg,

que está ao seu lado em silêncio, enfiando três cubos de queijo na boca com o sorriso vago de alguém que se tem dissociado desde 1999. — Andávamos *tão* preocupados com o Gregory. Mas agora está contigo e nunca estive tão feliz. — *Será que está?* — Gregory, certifica-te de passar muito tempo de qualidade com a tua avó, esta noite. A Izzy está a tirar fotografias com a *Polaroid* para lhe dar no final da noite... certifica-te de que estás em *todas*.

— Irei certificar-me de que está, Sra. Smith — prometo ao mesmo tempo que encaixo o meu braço no do Greg.

Quebro essa promessa quinze segundos depois, no final do corredor reluzente. Ele bebe o que resta do vinho, rouba dois grandes goles do meu e sussurra um bem audível «Até daqui a dez minutos», antes de se trancar na casa de banho.

Rio-me e deixo-o estar. Sinto-me a sua protetora — o suficiente para quebrar o protocolo padrão da *Faux* e concordar em repetir os encontros falsos, o suficiente para o querer defender de assaltantes, piratas e da própria família. Talvez porque a primeira frase que me disse tenha sido um «A minha mãe não para de me perguntar porque não namoro», seguida de uma explicação hesitante e frágil de porque é que *isso* não ia acontecer tão cedo — uma explicação que me atingiu demasiado perto. Talvez seja porque ele tem sempre um ar de como eu me sinto: cansada e sobrecarregada. Numa outra linha temporal seríamos melhores amigos, unidos pelas inevitáveis úlceras de stresse que em breve hão de devastar os revestimentos dos nossos estômagos.

Encontro a cozinha vazia, entro e observo o remoinho vermelho a descer pelo ralo enquanto despejo o que resta do meu copo no lava-loiça. Um desperdício. Devia tê-lo recusado, mas isso levaria a perguntas, e não quero explicar que o álcool é um perigoso terrorista glicémico e que o meu pâncreas em dificuldades *não* negociava com...

— Não é do teu gosto?

Dou um salto. E grito. E quase que deixo cair o copo, que provavelmente custa mais do que a minha formação universitária.

Pensava que estava sozinha. Não estava? Eu *estava* sozinha. Mas o irmão mais velho do Greg está na cozinha de braços cruzados no peito, encostado ao balcão de mármore. Aqueles seus olhos únicos

multicolores estão a olhar para mim com a habitual expressão impenetrável. Eu estou de pé entre ele e a única entrada — ou não o vi, ou ele dobrou o contínuo espaço-tempo.

Ou confundi-o com o frigorífico. Afinal de contas, têm o mesmo tamanho.

— Estás bem? — pergunta-me.

— Eu... sim. Sim, desculpa. É só... — Forço um sorriso. — Olá, Jack.

— Olá, Elsie. — Ele diz o meu nome como se lhe fosse familiar. Como se fosse a primeira palavra que aprendeu. Como se lhe fosse natural, e não apenas um monte de vogais e consoantes que mal teve motivos para usar antes.

Ele não sorri, claro. Quer dizer, ele *sorri*, mas nunca para mim. Sempre que estamos na mesma sala, é uma presença imponente e severa, cujo passatempo principal parece ser julgar-me indigna do Greg.

— Não gostas do vinho?

— Não é isso. — Pestanejo, nervosa. Tem uma tatuagem no antebraço a espreitar pela manga enrolada da camisa. Porque *claro* que está a usar calças de ganga e uma camisa xadrez, apesar de o convite ter pedido especificamente semiformal.

Mas ele é o Jack Smith. Pode fazer o que lhe apetecer. Provavelmente tem uma licença esculpida nos bíceps ridículos. Estampada no quarto azul do olho direito, aquele que se destaca como um polegar dorido no castanho das suas íris.

— O vinho era ótimo — digo, a recompor-me. — Mas tinha uma mosca lá dentro.

— Tinha?

Ele não acredita em mim. Não sei como é que sei, mas sei. E ele sabe que eu sei. Consigo vê-lo, não... consigo *senti-lo*. Sinto um formigueiro no fundo da coluna, líquido, cintilante e quente. Um que me diz *Cuidado, Elsie. Ele vai mandar-te prender por crimes contra as uvas. Vais passar o resto da tua vida numa prisão federal. Ele irá visitar-te uma vez por semana para te olhar através do vidro e te deixar desconfortável.*

— A Izzy deve estar à tua procura — digo, na esperança de me ver livre dele. — Ela está lá em cima.

— Eu sei — responde ele, *sem ir* lá para cima.

Apenas me observa — atento, calmo, como se soubesse algo secreto sobre mim. Que só uso fio dental no máximo uma vez por semana. Que não consigo perceber o que é o *Dow Jones*, mesmo depois de ler a entrada da *Wikipédia*. Outras coisas, mais assustadoras, mais *obscuras*.

— A tua namorada veio? — pergunto, para preencher o silêncio. Uma vez trouxe uma rapariga para uma coisa de família. Uma geóloga. A mulher mais bonita que já vi. Simpática. Engraçada, também. Gostava de poder dizer que estava fora do alcance dele.

— Não.

Silêncio, de novo. Mais um olhar fixo. Sorrio para esconder a agressividade com que estou a ranger os dentes.

— Já lá vai algum tempo.

— Desde o Dia do Trabalhador.

— Oh, certo. Esqueci-me.

Não me esqueci. Tirando o dia de hoje, cruzei-me com o Jack duas vezes, uma e depois outra, e estão ambas teimosamente presas no meu cérebro, tão agradáveis como folhas de espinafre presas entre os molares.

A primeira foi no jantar de aniversário do Greg, quando apertámos as mãos e ele me acenou com firmeza, quando passou a noite a lançar-me olhares longos e penetrantes, quando o ouvi perguntar ao Greg: «Onde a conheceste?» e «Há quanto tempo?» e «É sério?» com um tom inquisitivo e enganosamente descontraído que me fez sentir um arrepio estranho pela espinha abaixo.

Por isso, o Jack Smith não era um fã. Certo. Muito bem. Tanto faz.

E depois houve a segunda. No final do verão, na festa na piscina do Dia do Trabalhador dos Smiths, na qual não nadei. Porque não há forma de esconder a minha bomba de insulina num biquíni.

Não me envergonho de ser diabética. Tive quase duas décadas para fazer as pazes com o meu sistema imunitário hiperativo, que se diverte demasiado a destruir células necessárias. Mas as reações das pessoas ao saberem que tenho de bombear insulina para o meu corpo com regularidade podem ser imprevisíveis. Quando fui diagnosticada (aos dez anos, após uma convulsão no ginásio da escola que me valeu o apelido

cruel, mas pouco criativo, de Elsie Trémula), ouvi os meus pais a conversar, com sussurros baixos atrás das cortinas divisórias do quarto do hospital.

— Também isto, não. — A minha mãe soava exausta.

— Eu sei. — O meu pai soou ao mesmo. — Só pode ser culpa nossa. O Lance a ser reprovado no liceu. O Lucas qualquer dia vai ser preso por andar à porrada no parque de estacionamento do Walmart. Claro que a única criança fácil que temos tinha de ter *alguma coisa*.

— Não é culpa *dela*.

— Não.

— Mas vai ser caro.

— Pois.

Não culpo os meus pais: o meu irmão Lance *acabou* por chumbar na escola (e agora tem uma excelente vida como eletricitista), tal como o Lucas *acabou* por ser preso (embora nas traseiras de um Shake Shack, e por posse de drogas que agora são legais). A mãe e o pai estavam cansados, sobrecarregados. Com poucas posses. Ansiavam por uma pausa, algo fácil por uma vez, e eu lamentava de verdade não o ser. Para os compensar, tentei tornar os meus problemas de saúde — e quaisquer outros problemas subsequentes — tão ignoráveis quanto possível.

Percebi que as pessoas gostam mais de mim se não tiverem de gastar energia emocional comigo.

Foi por isso que não nadei na festa do Dia do Trabalhador dos Smiths e optei por me sentar numa manta a comer uma fatia de bolo, com um sorriso preparado com engenho no rosto. Foi por isso que calculei mal os hidratos de carbono que comi e a insulina que precisaria. E porque andei aos tropeções no relvado da casa de férias dos Smiths ao estilo *Manchester-by-the-Sea* pedrada pela glicose, com a visão desfocada, a cabeça a rebentar, a tentar lembrar-me onde tinha deixado o meu telefone para poder ajustar o meu bólus e...

Acabei por ir bater em cheio no Jack.

Literalmente. Não o vi e esbarrei contra o peito dele como se fosse um buraco negro supermaciço. Algo que não era. Um buraco negro, quero dizer. Ainda assim, bastante supermaciço.

— Elsie? — *Ugh*. A voz dele. — Estás bem?

— Sim. Sim, eu... — *Vou vomitar.*

Ele segurou-me pela face, a examinar-me a cara.

— Devo chamar o Greg?

— Não é pre... — A dor era como uma faca na cabeça.

— Vou telefonar ao Greg.

— Não... *não* chames o Greg, por favor.

Ele franziu a testa.

— Porquê?

— Porque... — *Porque as boas namoradas falsas são de baixa manutenção.*

Elas sorriem, não têm opiniões fortes sobre coentros e nunca, mas nunca, te arrastam para fora de uma festa na piscina. — Podes... preciso de ir à casa de banho e... do meu telefone...

Momentos depois, estava numa casa de banho que parecia um *spa* de luxo com a minha bolsa no colo. E gostava de dizer que não me lembro de como lá cheguei, mas tenho uma memória a flutuar na cabeça, uma memória de braços fortes a levantar-me; de ser carregada, flutuante como um pássaro; de uma respiração quente na minha têmpora, a murmurar palavras que não consigo recordar.

E, infelizmente, foi isso. O Jack foi amável e prestável? Sim. Será que acreditou na história que inventei mais tarde sobre não querer incomodar o Greg com as minhas enxaquecas? É duvidoso, tendo em conta o olhar cético dele, frio e insistente. Talvez suspeite de que eu ande nas drogas. Talvez tenha medo de que eu manche a linhagem dos Smiths com os meus genes fracos de enxaquecas. É certo que acredita que o irmão pode arranjar melhor.

Mas não importa. O Jack não é o meu alvo — a mãe é que é. O que é bom, porque não faço a mínima ideia quem é a Elsie que o Jack quer.

É algo sem precedentes. Sou uma profissional a apanhar sinais, mas o Jack — não me dá *nada*. Não sei o que amplificar, o que moderar; o que esconder e o que fingir; que personalidade sacrificar no seu altar. É como se ele estivesse a tentar decifrar-me sem me mudar — e isso é impossível. Não é assim que as pessoas são, não comigo.

Assim, quando me pergunta «Como tens estado, Elsie?» com um tom que soa algo inquisitivo, eu sorrio da forma mais neutra possível.

— O costume. Fantástica. — *Desta vez, não prestes a desabar sobre ti.* — E tu? Como estão as coisas no trabalho?

O Greg mencionou que ele é uma espécie de professor de Educação Física. Não surpreende, uma vez que é constituído como alguém que tem um autocolante de *CrossFit* no carro e bebe batidos proteicos enquanto lê a secção de levantamento de pesos da *Men's Health*. Os outros Smiths são morenos esguios e insubstanciais. E depois há esta casa de tijolos de cabelo arenoso, trinta centímetros maior do que o seu parente mais alto, com características todas masculinas e uma voz profunda cortante. A minha teoria: uma enfermeira sobrecarregada de trabalho, troca de berço no hospital.

— Está a ser um bom semestre?

Ele grunhe de forma evasiva.

— Não assassinei nenhum dos meus alunos. Ainda.

Um sentimento surpreendentemente relacionável.

— Parece ser uma vitória.

— Não para mim.

Merda. Ele está a fazer-me sorrir.

— Porque queres matá-los?

— Eles só se queixam. Não leem o programa. — Programa para EF? Toda a matéria do meu professor de ginástica era envergonhar-nos por não conseguirmos subir à corda. A educação está a dar passos em frente. — Mentem.

Engulo em seco.

— Mentem sobre quê?

— Sobre várias coisas.

Os olhos dele brilham, os lábios tremem, os ombros firmam-se de baixo da camisa e...

Costumava pensar que — não, costumava *saber* que os tipos de cabelo claro não eram atraentes. Na escola secundária? Iam todas atrás do Legolas, mas eu era da equipa Aragorn. No questionário «A que Casa da *Guerra dos Tronos* Pertences» do *BuzzFeed*? Nunca uma Targaryen. Detesto olhar para o Jack Smith, com aquele bom maxilar, as covinhas boas e as mãos boas, e achá-lo bonito.

Talvez simplesmente não olhe. Sim, excelente plano.

— Dás-me licença? — digo educadamente. — Aposto que o Greg anda à minha procura.

Viro-me antes que ele possa responder, sentindo de imediato que consegui libertar-me de uma singularidade gravitacional.

Uff.

A sala de estar fica a um par de curvas e contracurvas de distância, grande, mas cheia de gente, bonita apesar da superabundância de pinturas navais e mobiliário de couro agressivo. Passo alguns minutos a tranquilizar a tia do Greg que a consultaremos antes de escolher um fornecedor para o casamento; a fingir não reparar que o tio Paul lambe os lábios para mim; a conversar amigavelmente com um sortido de primos sobre o tempo, o trânsito e as más cenas do *Crepúsculo*. A aniversariante abre presentes junto à lareira e está a dizer a uma das noras:

— Um cupão para um banho de lama? Adorável. Vai servir como treino para quando me descerem na minha sepultura e todos vocês ficarem a lutar pelo meu dinheiro.

É imagem de marca: quando conheci a Millicent Smith, ela pôs as duas mãos nos meus ombros e disse-me: «Ter filhos foi o pior erro da minha vida.» Com o filho mais velho mesmo ao seu lado. Ainda não consegui perceber se ela é uma bruxa malévola ou apenas involuntariamente cruel. Seja como for, é a minha personagem Smith preferida.

Afasto-me a sorrir, acabando no tabuleiro de *Go* com o jogo a meio, no canto da sala. Está ali desde a minha primeira visita, os quadrados de madeira e as pedras de porcelana incongruentes no meio da decoração costeira. O Greg está a conversar com o pai, e pergunto-me se partiremos em breve. Tenho trinta e três trabalhos sobre Vibrações, Ondas e Ótica para avaliar, que certamente me farão desejar uma morte violenta. Tenho um exame Scantron sobre Fundamentos da Ciência dos Materiais para escrever. E, claro, uma apresentação de pesquisa para preparar. Quero... não, *preciso* de arrasar. Não há margem de erro, visto que é a minha saída de passar as noites em encontros falsos e os meus dias a trocar *e-mails* com o sexxxy.chad.420@hotmail.com sobre se a alergia ao glúten da sua chinchila pode libertá-lo do exame semestral de Introdução à Física. Terei de ensaiar um mínimo de onze

vezes — ou seja, o número de dimensões de acordo com a teoria M, a minha versão preferida de cordas...

— Jogas?

Assusto-me. *Mais uma vez*. O Jack está do outro lado do tabuleiro, com os olhos escuros a estudar-me. Está ali a família toda — porque estará ele a desperdiçar tempo de família precioso para importunar a namorada falsa do irmão?

— Elsie? — O meu nome, de novo. Dito como se o Universo tivesse criado a palavra só para ele. — Perguntei se jogas. — Soa divertido. Odeio-o.

— Oh. Um pouco. — Um eufemismo. O *Go* revira a mente e é brutalmente intrincado; é, portanto, a atividade extracurricular de escolha de muitos físicos. — E tu?

Ele não responde. Em vez disso, acrescenta algumas pedras brancas.

— Oh, não. — Sacudo a cabeça. — É o jogo de outra pessoa. Não podemos...

— As pretas estão bem para ti?

Nem por isso. Mas engulo em seco, pego de forma hesitante nas pedras e pouso-as. O meu orgulho joga um belo jogo da corda contra os meus instintos de sobrevivência: não vou esconder as minhas habilidades no *Go* e deixar o Jack ganhar, mas, pelo que sei, perder vai transformá-lo num bisonte cuspidor de fogo e fazê-lo incinerar uma parede mestra. Não quero morrer no colapso de uma casa, ao lado do Jack Smith e do tio obcecado por *ménages*.

— Como está o Greg? — pergunta ele.

— Ele está ali, com o teu primo — digo desatenta, a vê-lo posicionar mais pedras. Tem as mãos estupidamente grandes. Mas também graciosas, o que não faz sentido. O que também não faz sentido? Temos duas cadeiras, mas não estamos sentados.

— Mas *como* é que ele está?

Na minha humilde experiência, os irmãos na melhor das hipóteses toleram-se um ao outro e, na pior das hipóteses, cospem pastilha elástica no cabelo um do outro. (Meu. O *meu* cabelo.) O Jack e o Greg, no entanto, são próximos — por razões desconhecidas, dado que o Greg é um desastre humano agradável cheio de *Sturm und Drang*, enquanto o

Jack... não tenho a certeza qual é a cena do Jack. Há ali uma pitada de mau rapaz, um indício de mistério e uma dose de suavidade. E ainda um toque de fome, um ar cru e não refinado. Na sua maioria, parece *fixe*. Demasiado fixe até para *ser* fixe. Como se talvez no liceu tivesse faltado ao baile de finalistas para ir a uma exposição de arte de um programa Guggenheim e de alguma forma ainda conseguisse ser eleito rei do baile.

O Jack parece ser distante. Desinteressado. Com uma confiança não forçada. Carismático de uma forma opaca e inacessível que intriga.

Mas preocupa-se mesmo com o Greg. E o Greg preocupa-se com ele. Ouvi-o dizer, com os meus próprios ouvidos, que o Jack é o seu «melhor amigo», alguém em quem «pode confiar». E ouvi sem salientar que na verdade não pode *confiar* assim tanto no seu *melhor amigo* Jack, ou seria honesto com ele sobre o namoro falso — e isto porque sou uma namorada falsa que o apoia.

— O Greg está bem. Porque perguntas?

— Quando falámos no outro dia, ele pareceu stressado com o Woodacre.

Com... o quê? Será isto algo que a namorada do Greg deveria saber?

— Ah, sim — minto. — Um pouco.

— Um pouco?

Ocupo-me com as pedras. Não estou a ganhar tão facilmente como esperava.

— Está a melhorar. — Tudo melhora com o tempo, certo?

— Está?

— Muito. — Aceno com entusiasmo.

Ele também acena com a cabeça. Com menor entusiasmo.

— A sério?

O Jack não é, na verdade, *mau* no *Go*. Como é que ainda não limpei o chão com ele?

— A sério.

— Pensava que o Woodacre fosse daqui a uns dias. Pensava que o Greg estaria nervoso.

Fico tensa. Talvez devesse ter perguntado ao Greg por tópicos de conversa.

— Oh, sim, é verdade. Agora que falas nisso...

— Lembra-me, Elsie. — Dá um pequeno passo para mais perto do tabuleiro, elevando-se em relação a mim como uma torre imponente. Mas eu não sou baixa. *Recuso-me* a sentir-me baixa. — O que é mesmo o Woodacre?

Merda.

— É — tento fazer uma expressão divertida — o Woodacre, pois claro. O Jack olha-me com um ar de *Não me venhas com tretas*.

— Isso não é uma resposta, pois não?

— É... — Aclaro a garganta. — Uma coisa em que o Greg anda a trabalhar. — A extensão do que me foi dito sobre o trabalho do Greg? Que é um cientista de dados. — Não conheço os pormenores. São coisas complicadas de ciência. — Sorrio de forma leviana, como se não passasse a vida a construir modelos matemáticos complexos para desvendar as origens do Universo. Dói-me o coração.

— Coisas complicadas de ciência. — Ele observa-me como se me estivesse a descascar a pele e à espera de encontrar por dentro uma banana a apodrecer.

— Sim. Pessoas como tu e eu não compreenderíamos.

Ele faz cara feia.

— Pessoas como tu e eu.

— Sim. Quero dizer... — Prendo-lhe o olhar e pouso outra pedra. — O que é que *são* mesmo os números...

Fecho a boca. Devemos ter tentado alcançar o mesmo quadrado. Os meus dedos roçam nos do Jack e algo elétrico e desconhecido percorre-me o braço. Espero que ele se afaste, mas não o faz. Apesar de ser a *minha* vez. Não era a *minha* vez? Tenho quase a certeza de que...

— Ora, se não temos um empate.

Afasto a mão. A Millicent está ao meu lado, a olhar para o tabuleiro. Sigo-lhe o olhar e quase arquejo, porque... ela tem razão. Simplesmente *não* dei cabo do raio do Jack Smith no *Go*.

— Faz muito tempo desde que o Jack não ganhou um jogo — diz a Millicent com um sorriso de satisfação.

Faz muito tempo desde que eu não ganhei um jogo. Mas que raio? Olho para ele — ainda me olha fixamente, ainda de semblante carregado, ainda

a julgar-me em silêncio. Sinto o cérebro vazio. Entro em pânico e solto a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Há mais posições legais no tabuleiro de *Go* do que átomos no Universo conhecido.

Ouçó um ronco.

— Alguém me tem dito isso desde que mal largou as fraldas. — A Millicent olha sagazmente para o Jack, que *ainda está. A olhar. Fixamente. Para. Mim.* — Tu e a Elsie fazem um casal muito bom. Embora, Jack, meu querido, ela deva na mesma assinar um acordo pré-nupcial.

Não compreendo de imediato o que ela quer dizer. Depois percebo e toda eu fico vermelha.

— Oh, não. Sra. Smith, eu... eu namoro com o Greg. O seu *outro* neto.

— Tens a certeza?

O quê?

— Sim. Claro que sim.

— Não me pareceu. — Encolhe os ombros — Mas afinal que sei eu? Sou um morcego de noventa anos que brinca na lama.

Vejo-a a encaminhar-se em direção à mesa dos canapés. Depois volto-me para o Jack com um riso nervoso.

— Uau. Aquilo foi...

Ele *ainda* está a olhar. Para mim. De expressão fechada. Objetiva. Com a heterocromia setorial. Como se eu fosse interessante, muito interessante, muito, *muito* interessante. Abro a boca para lhe perguntar o que se passa. Para exigir uma desforra até à morte. Para lhe implorar que pare de contar os poros do meu nariz. E é quando...

— Sorriam, malta!

Volto a cabeça de repente, e o *flash* da *Polaroid* da Izzy cega-me instantaneamente.

— O aniversário dos meus pais no próximo mês deve ser a última vez que vou precisar de te levar comigo. — O Greg faz pisca para a direita e encosta no parque de estacionamento do meu edifício. — Depois, digo à minha mãe que acabaste comigo. Que te implorei para não o fazeres. Que te fiz uma serenata. Que te comprei o meu peso em peluches... tudo em vão.

Aceno com a cabeça em compreensão.

— Estás com o coração partido. Demasiado inconsolável para namorar outra pessoa.

— Talvez precise de encontrar consolo numa lista do *Spotify*.

— Ou usar gel no cabelo.

Ele faz uma careta. Eu rio-me e, assim que o carro para, encosto-me à porta do passageiro para estudar o seu belo perfil nas luzes amarelas.

— Diz-lhe que te trai com o tipo das entregas do *Grubhub*. Vai-te oferecer direitos de luto mais longos.

— Brilhante.

Ficamos em silêncio enquanto penso na situação do Greg. A razão pela qual ele precisa seque de uma namorada falsa. O que se sentiu confortável em me dizer, uma estranha, mas não à própria família. Como somos semelhantes.

— Depois disto terminar, se precisares... se *quiseres* alguém para falar. Uma amiga. Eu adoraria...

O sorriso dele é genuíno.

— Obrigado, Elsie.

Ainda mal saí do carro. O gelo ressoa sob o calcanhar da minha bota quando me viro.

— Oh, Greg?

— Sim?

— O que é aquilo do Woodacre?

Ele geme. Encosta o pescoço no apoio de cabeça.

— É um retiro de meditação silenciosa que o nosso chefe nos obriga a fazer. Partimos amanhã... quatro dias sem contacto com o mundo exterior. Sem *e-mail*, sem Twitter. Ele arranjou essa ideia numa *newsletter* da *Goop*.

Oh.

— Então não tem nada que ver com... ciência complicada?

Ele olha-me com um ar desesperado.

— O oposto. Porquê?

— Ah... — Fecho os olhos. Deixo a mortificação afundar as suas presas no meu cérebro. — Por nada. Tem uma boa noite, Greg.

Fecho a porta do passageiro, aceno sem entusiasmo e deixo o ar gelado invadir-me os pulmões. A Estrela do Norte pisca-me do céu e lembro-me da entrevista de emprego de amanhã.

Não importa se esta noite fiz figura de parva com o irmão do Greg digno de levar um murro. Porque, com apenas um pouco de sorte, talvez nunca mais tenha de ver o Jack Smith.